

UM MOTIVO A MAIS

A. Gomes da Costa

Há poucos meses, na “sede náutica” do Clube de Regatas Vasco da Gama, foi lançado o livro *O homem português e o Brasil*.

Nele, o editor Jaime Bernardes, da Nórdica, reuniu uma série de crônicas das muitas que escrevemos com regularidade e devoção, voltadas, em sua maioria, para temáticas luso-brasileiras e para os pontos de convergência dos povos de língua portuguesa. E é nessa perspectiva, julgamos, que poderão ter algum interesse, pois se outros méritos nos faltam, um pelo menos guardamos em estado de graça e com orgulho: o de preconizar sempre o enriquecimento e as trocas no espaço da lusofonia; o de defender sempre os valores e patrimônios que nos são comuns; e o de repelir sempre as tentativas e os projetos dos que, sem respeitar as raízes e as partilhas, procuram abrir fossos de separação e desmerecer dos legados da História, da Cultura, da Fé e do Idioma de que somos condôminos.

O livro destina-se principalmente aos leitores brasileiros. De um lado, porque queremos que seja o testemunho do reconhecimento à terra que nos recebeu, à sua gente e às suas instituições; do outro, porque as análises e as idéias-força, os horizontes de futuro e os contornos do sonho, no contraste de suas páginas, estão impregnados de brasilidade.

Claro que também gostaríamos de que os portugueses de cá e de lá refletissem sobre algumas questões nele abordadas, de entre as quais duas pelo menos têm uma importância cada vez maior para o relacionamento luso-brasileiro neste crepúsculo do século: a primeira é a inserção de Portugal na União Européia e prever até que ponto a vertente atlântica de um país que só existe e deu certo por causa dessa vertente — a ser válida a geopolítica dos reis e da velha república — vai continuar marcando o imaginário português; e a segunda é a passagem do testemunho aos luso-descendentes e evitar que, com o desaparecimento da comunidade portuguesa do Brasil, terminem também os focos de irradiação de

uma cultura, os *patterns* de uma presença e o tecido de amizade que se andou a enriquecer, sem esmorecimento e sem cansaço, ao correr de tantas gerações.

Numa hora destas, é inevitável olhar o percurso que ficou para trás: “menino e moço” saí de casa de meus pais, como diria, com doce musicalidade, Bernardim Ribeiro, onde o salário magro do carpinteiro da aldeia mal dava para o caldo de couves e as sardinhas fritas de dez bocas; depois, foi a travessia no navio *Serpa Pinto* e o deslumbramento do Brasil, os estudos e cursos que me proporcionaram a trajetória de vida, o trabalho profissional, a família, os amigos, o mundo luso-brasileiro, as instituições onde servimos — o gosto de sonhar sempre e de fazer até sentir nas mãos os frutos maduros e, como o Tomé da Póvoa, num arrebatamento ou numa loucura, beijar a terra de acolhimento, furar nela os dedos, atirá-la para o alto e gritar: obrigado Brasil, porque me fizeste um homem.

Quando Eça de Queiroz se preparou para lançar a Revista de Portugal, em carta que escreveu ao editor Genelioux, imaginava-a a entrar nas chancelarias da Europa e nos gabinetes de todos os homens importantes, desde Bismark até ao Papa. Não chegamos a tanto com este livro. No entanto, poderíamos parafrasear o autor de *Os Maias* quando se refere na mesma carta a Paris: além de todos os motivos que tivemos para desejar o Brasil — temos este a mais.